

Aprender através de projetos¹

Carmen Correia*

Introdução

Este artigo surge no âmbito de um Projeto de Aprofundamento do Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna e pretende relatar o processo de aprendizagem por projetos cooperativos, descrevendo um deles com características de intervenção.

Numa turma de 2.º e 3.º anos de escolaridade, as crianças realizaram projetos desde o início do ano. Optei pelo relato de apenas um projeto, para permitir uma observação e uma análise minuciosas sobre o percurso e sobre a apropriação pelas crianças das diferentes fases do projeto.

Tem como instrumentos de recolha um diário profissional, onde foram escritos relatos do quotidiano e reflexões críticas ao longo das sessões do trabalho em projeto. Também a gravação áudio, através da qual foram transcritos diálogos entre as crianças e entre as crianças e a professora, foi a base para uma reflexão sobre o desenvolvimento dos projetos e o papel da professora.

Começarei este artigo com uma breve contextualização teórica acerca do trabalho por projetos, lembrando o Currículo Nacional por Competências e a perspetiva sociocultural do Movimento da Escola Moderna.

De seguida, darei conta de como se realiza

o trabalho em projetos na minha sala de aula, nas suas diferentes fases de aprendizagem e, por fim, relatarei o desenvolvimento de todo o projeto sobre as casas.

Para terminar, apresentarei, na conclusão, pequenas reflexões sobre o trabalho em projetos desenvolvido na sala de aula.

Contextualização teórica

Segundo o Currículo Nacional por Competências, em vigor desde 2001, os projetos promovem o desenvolvimento de princípios e valores, nomeadamente:

a construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social; a participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária, crítica; o respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções; a valorização de diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão; o desenvolvimento da curiosidade intelectual, o gosto pelo saber, pelo trabalho e pelo estudo; a valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros (DEB, 2001, p. 1).

A par destes princípios e valores é necessário que as crianças desenvolvam algumas das seguintes competências até ao final da educação básica:

(1) mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quoti-

* 1.º Ciclo do Ensino Básico.

¹ Texto escrito no âmbito do Projeto de Aprofundamento n.º 63767/10.



diano; (...) (6) pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável; (...) (9) cooperar com outros em tarefas e projetos comuns (DEB, 2001, p. 1).

No entanto, não é através de metodologias centradas no professor, nem nos seus projetos, exteriores à turma, ou no trabalho com os manuais, que se podem desenvolver tais competências. Platão, citado por Dewey (1990), definia o escravo como “aquele que executa os projetos concebidos pelos outros” (p. 17).

Para desenvolver projetos reais dos alunos é preciso criar um conjunto de condições ecológicas para a emergência de questões, problemas ou curiosidades para saber ou aprofundar o conhecimento de algum tema. Dewey (1990) considera que

um autêntico projeto encontra sempre o seu ponto de partida no impulso do aluno. A brusca inibição dum impulso transforma-se em desejo. Todavia, é preciso insistir nisso, nem o impulso nem o desejo realizam um projeto. O projeto supõe a visão de um fim. Implica uma previsão de consequências que resultariam da acção que se introduz no impulso inicial (p. 17).

O mesmo autor defende ainda que não podemos ficar pelo impulso. A turma, organizada em cooperação, constitui a estrutura reguladora da dinâmica de projetos, desde a sua concepção até à sua comunicação, de forma a que o impulso individual se transforme num compromisso social de construção de novas aprendizagens. Efectivamente, os projetos implicam socialmente a turma, de uma forma democrática, para uma mudança e um progresso na aprendizagem. Por isso são compromissos assumidos por todos e tão estimulantes para aqueles que nele participam. O projeto

(...) surge como sentido, como cultura, e esse sentido é o de organizar o olhar, a escuta, as energias, os sujeitos e as aspirações que são sempre necessidade de desenvolvimento inter e intrapessoais. Projetos que comprometem, descobrem os obstáculos e procuram os meios de os vencer. Esta cultura de projeto remete o acto

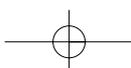
de educar para um outro paradigma: já não transmissão de informação sem ligação com o vivido, mas o aprender como meio de compreensão e acção sobre os quotidianos, orientado para a resolução dos problemas e das dificuldades, provocando novas e mais intensas questões para nos fazermos todos (educadores e educandos, animadores e animados) mais cultos e melhores cidadãos (Peças, 1999, p. 58).

Nesta dinâmica de projetos a turma funciona como um cosmos social de aprendizagem e reguladora do trabalho escolar.

É por isso que o conhecimento não se deve separar da prática social que é o culminar do conhecimento, ou a sua finalidade, do mesmo modo que o trabalho para ser humano não se deve separar da actividade prévia da mente. Por tudo isso, assumimos, desde há muito, as actividades escolares como trabalho de conhecimento e de produção cultural onde, em cooperação, se constroem as aprendizagens curriculares e de cidadania, criando condutas de projeto que façam avançar novas obras, assentes em contratos dialogados entre os que partilham o trabalho de apropriação e de criação cultural (Niza, 2005, p. 4).

De facto, no trabalho em projetos cooperativos, as crianças aprendem a escutar, a dividir tarefas, a assumir compromissos, a solicitar ajuda e a partilhar as suas dúvidas e saberes. Colocam hipóteses para as suas perguntas; pesquisam informação em livros, revistas, sítios na internet; fazem experiências a partir dos guiões de experiências; constroem maquetas; realizam inquéritos e entrevistas. Procuram também as respostas para determinadas experiências que tenham vivido, para problemas que vivam. Constroem, simultaneamente, o conhecimento relativamente àquilo que pesquisam e a sua aprendizagem de vida em comunidade, a qual sustenta e constitui o público para quem se direcciona cada projeto.

Apesar de as crianças construírem as suas aprendizagens e o seu conhecimento autonomamente e em interacção, através dos projetos, o professor é um elemento fundamental



no apoio rotativo a cada grupo, ajudando a superar as dificuldades que encontram. No trabalho em projetos, o professor é um coordenador e orientador de cada grupo. Intervém sempre que considera pertinente ou quando o grupo solicita o seu apoio. Acompanha os projetos nas suas diferentes fases, medeia conflitos, ajuda na distribuição de tarefas, indica e facultas as fontes de informação, relembra os compromissos assumidos na planificação do projeto, formaliza, sintetiza e, muitas vezes, clarifica a informação que as crianças não conseguem compreender sozinhas.

De acordo com Niza (2005),

na escola democrática que queremos construir, a sequência de actividades em que as obras humanas se desdobram tem de ser apropriada pelos estudantes com a colaboração empenhada do professor desde a sua concepção até à avaliação crítica do processo de produção (p. 3).

O trabalho em projetos cooperativos na sala de aula

O início em Conselho de Cooperação Educativa

Começámos o ano lectivo com um Conselho de Cooperação Educativa em que os programas curriculares do 2.º e do 3.º anos foram apresentados, bem como as questões, os problemas e as perguntas das crianças. Havia muitas questões para serem respondidas, muitos interesses para serem trabalhados, que não constavam nos programas. Por isso, decidimos em conjunto os temas, deixando outros temas para projetos futuros. Foi o caso do projeto sobre o Michael Jackson, proposto no início do ano, mas desenvolvido, mais tarde, sob o tema dos cantores pop. Neste conselho escolhemos, em conjunto, os elementos de cada grupo, em função do interesse de cada criança e do conhecimento que a turma tem sobre cada um, o que nos permite saber quem já realizou outros projetos juntos e quem consegue (ou não) trabalhar em parceria. Nenhuma das

escolhas é pacífica, mas numa estrutura cooperada conseguimos um consenso e assumimos compromissos. No início do ano desenvolvemos projetos sobre os planetas, o sol, os fogos, as casas e as focas. De seguida, realizámos projetos sobre as florestas, os carros, as tartarugas, o tabaco e os cantores pop.

A planificação

Quando começamos um projeto recolhemos a informação do que as crianças já sabem sobre o tema que pretendem aprofundar ou estudar, para percebermos as concepções de partida sobre o assunto. Cada elemento do grupo tem um tempo para escrever o que sabe e pensa sobre o tema que se propôs estudar. De seguida partilham com os outros elementos do grupo e discutem sobre o que escreveram. É a partir das suas concepções prévias e das perguntas que pretendem ver respondidas que constroem o seu próprio conhecimento. Ao longo de todo o projeto, e principalmente no fim, confrontam-se com o que sabiam no início e o que aprenderam.

Depois fazemos o levantamento e o registo das fontes de informação e dos materiais de que precisam para o projeto, orientamos cada grupo para o produto que se propõe construir para a sua divulgação na escola, no Agrupamento e/ou na comunidade.

Fazemos ainda uma previsão do tempo de que necessitam para a realização do projeto, distribuem-se as tarefas e agendamos a data da comunicação à turma. Incentivamos as crianças a pesquisarem na biblioteca da escola e da turma, a procurarem material para o seu projeto, bem como para os restantes projetos da turma, junto dos seus familiares e amigos e assumimos o compromisso com cada grupo para partilhar o que encontrou.

Desenvolvimento

Nas primeiras sessões de desenvolvimento do trabalho em projeto, circulo pelos diversos grupos para apoiar as crianças, esclarecer,



aconselhar, dar sugestões, desbloquear conflitos, reajustar ou ajudar a explorar pistas que surgem.

Nas sessões de trabalho seguintes, cada grupo conta o que fez na sessão anterior, que dificuldades sentiu, que apoio precisa e o que pensa fazer. Fazemos assim um ponto de situação do trabalho realizado e um balanço de todos os projetos num momento inicial, cuja duração é de cerca de dez minutos, para que possamos planificar e decidir, em colectivo, que grupos conseguem trabalhar em autonomia e em que projeto é fundamental o meu apoio.

As crianças pesquisam, fazem o tratamento de informação, realizam paráfrases, escrevendo por suas próprias palavras e de acordo com as suas representações, e ainda organizam a informação segundo o tipo de produto cultural escolhido pelo grupo para apresentar à turma.

Para orientar e apoiar as crianças no desenvolvimento dos projetos, utilizo dois instrumentos de pilotagem, que permitem uma regulação e monitorização do processo de aprendizagem.

Num dos instrumentos, intitulado “Planificação e avaliação por sessão”, as crianças planificam o que vão fazer, dividem tarefas em cada sessão do trabalho em projeto e, no final de cada sessão, avaliam em grupo as aprendizagens que realizaram, as dificuldades sentidas pelo grupo, as atitudes e o tipo de envolvimento de cada um. Eu ajudo a clarificar que perguntas do projeto irão responder.

No Plano Individual de Trabalho (PIT), principal instrumento de regulação do grupo, as crianças fazem um pequeno relato do que fizeram e avaliam o que realizaram para o seu projeto, quais foram os seus contributos e as suas dificuldades. Quando se avaliam os Planos Individuais de Trabalho também se regula o desenvolvimento do projeto, orientando as crianças para a sessão seguinte de trabalho em projetos e relembrando os objectivos definidos no plano do projeto inicial.

No início da semana, no tempo do Conselho de Cooperação Educativa, é feita a avaliação dos PITs, englobando a avaliação do trabalho autónomo, do trabalho colectivo e do trabalho em projetos. Neste Conselho, a turma pode sentir necessidade de avaliar o desenvolvimento de todos os projetos ou apenas de dois/três por apresentarem dificuldades específicas, por terem feito um bom trabalho, ou ainda para propor novas regras de funcionamento do trabalho.

Um outro instrumento de apoio, denominado “Informação Recolhida”, é aquele onde as crianças colocam as perguntas do projeto, colam a informação que recolheram e que responde à sua questão e ao lado escrevem, por palavras suas, o que perceberam. Com as crianças que ainda estão a adquirir as competências de escrita o professor ajuda-as a seleccionar a informação, combina com elas as palavras que podem copiar ou desafia-as a escreverem as palavras de que precisam. Por vezes, o professor ainda é o *escriba* das crianças e escreve o que o grupo percebe da leitura que faz. As mais autónomas na escrita escrevem o que percebem e, nas sessões de trabalho onde têm o apoio da professora, fazem a revisão do que escreveram.

Comunicação e divulgação do projeto

Quando as crianças terminam a pesquisa, começam a preparar a apresentação à turma, utilizando diversas formas, técnicas e instrumentos de apoio (álbuns, cartazes, exposições, livros, folhetos...). Nesse momento mostram os produtos que construíram e que ficam disponíveis para a consulta de todos na biblioteca da turma (ou da escola). Estes produtos ganham um sentido social acrescido e servem de exemplo e de fonte de informação para novos projetos. São, por isso, motivadores para novas produções para quem as concebe e para a turma, que se sente valorizada pela divulgação, junto da escola e da comunidade, dos seus produtos culturais.



Cada grupo é responsável por elaborar um resumo (um texto informativo) e um questionário ou uma ficha para verificarem o que os colegas aprenderam com aquela comunicação. Desta forma, apropriam-se progressivamente de instrumentos de aprendizagem e de avaliação. Além disso, discutem ainda qual vai ser a divulgação do projeto, se o vão publicar no blogue e se o vão comunicar a outras turmas.

Após a comunicação, sempre que reparam que algum colega não percebeu alguns aspectos do projeto, fazem uma parceria de trabalho no Tempo de Estudo Autónomo (TEA) e estudam, em conjunto, as dúvidas. Entreajudando-se, tornam-se, desta forma, cidadãos mais solidários.

Assim, o momento da comunicação é uma partilha com a turma, onde as crianças ensinam o que aprenderam em conjunto e oferecem obras culturais para a comunidade onde estão inseridas. O projeto é do grupo que o desenvolve, mas todos os alunos se apropriam de todos os temas, uma vez que os avaliamos em colectivo, sessão a sessão, colaboram na sua planificação e, no momento da comunicação, preparam-se e recolhem as suas dúvidas e questões sobre o tema.

Após a comunicação e o debate que se lhe segue, o professor faz uma breve síntese, completa informações e levanta problemas que podem ou não dar origem a outros projetos ou a outras questões emergentes. A apresentação dos produtos de cada projeto é estipulada no plano semanal. É um momento de divulgação, partilha, articulação e sistematização de conhecimentos e também de avaliação.

No final de cada comunicação a turma e o próprio grupo do projeto avaliam se as tarefas foram bem distribuídas, como é que o grupo funcionou e a colaboração que houve entre uns com os outros, ou seja, avalia todo o processo de desenvolvimento do projeto e a comunicação. Esta auto-avaliação

alimenta uma forma de lucidez que pode guiar as novas aprendizagens, mas também, permitir a cada um descobrir os seus pontos for-

tes e fracos e escolher os seus investimentos e, conseqüentemente, o seu papel (Legrand, 1990, p. 36).

Habitualmente, a comunicação de cada projeto é feita em três fases: a fase da apresentação do estudo, da pesquisa ou da intervenção feita pelas crianças; a fase em que a turma coloca as suas dúvidas e discute o que sabe sobre o tema e defende diferentes pontos de vista; a fase de respostas aos questionários elaborados pelo grupo, para que a turma mostre o que aprendeu. É comum que o professor formalize algumas questões que não foram abordadas pelo grupo do projeto, mas que resultem de dúvidas surgidas na turma, sintetize partes do projeto ou clarifique alguma informação que foi apresentada.

Projeto sobre as casas

Planificação e desenvolvimento

No início do ano lectivo, num momento do Conselho de Cooperação Educativa em que todos os elementos da turma já tinham escrito no registo “Queremos saber” as suas questões, dúvidas e interesses, três meninas tinham um problema: as suas casas tinham sido demolidas. Este problema era falado constantemente na sala nos diferentes momentos de trabalho e até nos recreios. Porém, por mais que conversássemos, este assunto não estava ainda clarificado para ninguém. Por isso, sugeri que estas alunas escrevessem o que lhes tinha acontecido, para que a turma conhecesse a sua história de vida e as casas de que tanto falavam. O conselho aceitou a proposta e começámos a planificar os projetos. (*Ver Anexo 1*).

Assim, enquanto um dos grupos desenvolvia o projeto sobre o sol, um dos projetos mais ambiciosos e com mais perguntas; outro estudava os planetas, com o objectivo de construir maquetas dos planetas e um livro; outro pesquisava sobre os fogos, em que uma das crianças sugeriu entrevistar o padrinho, cuja



profissão é bombeiro, para responder às questões que o grupo se tinha comprometido responder no projeto; ainda outro grupo desenvolvia um projeto sobre as focas, em que duas das crianças realizavam um projeto pela primeira vez e tinham a orientação de uma colega; e, finalmente, o projeto sobre as casas, em que havia muitas questões para serem respondidas. (Ver Anexo 2).

Quando começam a desenvolver os seus projetos, recolhem informação e quase todos os grupos fazem uma leitura e ilustrações, de forma autónoma, da informação recolhida. No registo “Informação recolhida”, conseguem escrever (e nalguns casos, copiar) cada pergunta do projeto e colar sozinhos a informação que fotocopiaram. É na paráfrase, quando procuram escrever sobre o que leram, o que discutiram uns com os outros e sobre o que perceberam, que surgem mais dificuldades. Por isso, os apoios do professor a cada projeto são distribuídos pelos grupos que mostram mais dificuldades nesta escrita, enquanto os outros trabalham autonomamente noutras tarefas: recortes e desenhos de ilustrações para os livros, folhetos, construção de maquetas, realização de entrevistas, entre outros.

Cada elemento do grupo começou por descrever como eram as suas casas, o que faziam nelas e no espaço envolvente. Em conjunto escreveram como tinham sido destruídas. Dois dos elementos ainda escrevem com garatujas, por isso precisaram de muita ajuda para escrever o que pretendiam. Quando terminavam os textos ficavam responsáveis por processá-los no computador autonomamente, para que o apoio do professor estivesse disponível para outros grupos também com dificuldades.

Numa dessas sessões de apoio da professora, leram as perguntas que tinham no seu plano de projeto.

Carmen: Como é que vão saber as respostas às vossas perguntas?

Naida: Perguntamos aos nossos pais.

Carmen: Isso é uma boa ideia. Só vão perguntar aos vossos pais?

Manuela: Sim, mas também podemos perguntar os nossos irmãos.

Carmen: Tudo bem. Então fazemos entrevistas às vossas famílias para saber o que pensam e para nos contarem o que aconteceu. Açam que há mais alguém que nos pode contar o que nos aconteceu?

Naida: A Dona Armandina.

Carmen: A Dr.^a Armandina porquê?

Natércia: Porque quando destruíram as nossas casas a Dr.^a Armandina estava lá com a gente e foi ela que mandou destruir as nossas casas.

Carmen: Foi a diretora do nosso Agrupamento que mandou destruir as vossas casas?

Naida: Sim, foi. Ela estava lá com os polícias e os cães. Foi ela que mandou destruir as nossas casas. E a diretora devia alugar casas para nós agora e ainda não alugou.

Carmen: Vocês também pensam assim e têm a certeza do que estão a dizer?

Manuela: Sim, ela chegou lá com os polícias. Mandou destruir tudo e riu-se de nós, como as pessoas que foram lá ver.

Carmen: Vocês acham que a Armandina riu naquele dia? Ela que vos defendeu tanto!?

Natércia: Pois, ela não se riu. Mas as pessoas da Granja gozaram connosco e queriam que a gente fosse embora.

Carmen: Eu penso que se existem dúvidas deviam falar com a diretora. Podem escrever uma carta a explicar quem são e o que estão a fazer e uma entrevista com todas as perguntas que querem fazer. Depois enviamos a carta e a entrevista por e-mail e esperamos uma resposta. De certeza que a diretora vos responde e se não tiver tempo para vos responder pessoalmente, envia-nos as respostas.

Natércia: Como é que fazemos isso do e-mail?

Carmen: Primeiro escrevemos a carta aqui no caderno de textos. Depois copiam para o computador e enviamos por correio electrónico à diretora.

Natércia: Mas como é que a diretora recebe a carta, se o que escrevermos fica aqui no computador?



Carmen: Sim, fica guardado aqui no computador. Mas se este computador estiver ligado à Internet nós enviamos a carta para o e-mail da diretora, que é como uma caixa de correio. Quando a diretora estiver perto de um computador com Internet pode abrir a sua caixa de correio e ler o que vocês escreveram.

Natércia: Então nós escrevemos aqui e depois a Armandina vê no computador dela?

Carmen: Sim, se tiver Internet pode ver!

Natércia: Então vamos fazer isso.

Naida: Sim, podemos começar assim: Olá Armandina. Nós queríamos saber porque é que mandou destruir as nossas casas, se viviam lá pessoas.

Manuela: Nós temos de dizer primeiro quem somos, não é professora?

Carmen: Sim, vocês têm de se apresentar e explicar que projeto estão a fazer. Mas, não podem começar esta carta com um olá. Assim até parece que estão a escrever uma carta para a vossa correspondente. Não se podem esquecer que a Armandina é a diretora do Agrupamento e quando escrevemos uma carta para uma diretora escrevemos sempre assim: Exma. Sra. Dra. e só depois é que escrevemos o nome da pessoa. Em baixo escrevemos o cargo que ocupa e o sítio onde trabalha.

Naida: E como é que nós explicamos o que estamos a fazer?

Carmen: Vocês têm escrito o que querem estudar e saber?

Manuela: Sim, nesta folha estão as nossas perguntas.

Carmen: Então podem escrever quem são, onde estudam e escrever que estão a fazer um projeto sobre as vossas casas. Depois podem copiar as perguntas do vosso projeto para a carta.

Natércia: Eu posso copiar as perguntas.

Carmen: Boa, então vamos lá começar a escrever.

(Diário profissional – 9/11/2010)

As três crianças escreveram a carta que ficou assim:

Granja, 9 de Novembro de 2010

Exma Sra. Dr.^a Armandina Soares,
Diretora Conselho Executivo
do Agrupamento de escolas de Vialonga

Nós somos a Naida, a Natércia e a Manuela e estudamos na Granja. Nós estamos a fazer um projeto sobre as nossas casas na Granja, onde nós morávamos. Queremos estudar porque é que as nossas casas foram destruídas; porque destruíram as casas; porque não nos avisaram que iam destruir as casas; porque é que não nos deram casas para morar; porque é que os nossos pais não voltaram a construir casas com tijolos e areia noutra sítio; porque é que as pessoas que arrombaram as casas não construíram novas casas para nós.

Nós gostaríamos de fazer uma entrevista a vossa excelência para nos contar o que sabe.

Com os melhores cumprimentos,

Naida,
Natércia
Manuela

Na elaboração das perguntas da entrevista, as concepções prévias das três crianças continuaram muito presentes e o meu papel foi ajudar a colocar outras hipóteses, o que nem sempre é fácil.

Naida: Então qual é a primeira pergunta que vamos fazer à diretora?

Manuela: Porque é que você mandou destruir as nossas casas da Granja?

Natércia: Sim, pode ser essa.

Carmen: Mas vocês têm a certeza que foi a diretora que as mandou destruir, demolir? E se não foi? Da maneira como escrevem a pergunta parece que estão a acusar a diretora de uma coisa que vocês não têm a certeza se foi assim ou não e como parece uma acusação, não me parece muito adequado deixar a pergunta assim. A Dra. Armandina até pode ficar ofendida con-

vosco. Podem acrescentar à vossa pergunta, esta pergunta: Se a Dra. Armandina não mandou destruir as casas, quem foi? Concordam? Com esta pergunta podem ficar a saber quem é que deu a ordem para demolir as vossas casas. Eu não acredito que uma diretora de um Agrupamento possa fazer isso, mas penso que é uma pergunta que, se vos inquieta, devem fazer.

Naida: Sim, acrescentamos essa pergunta à nossa. Podemos também perguntar: Nós precisamos de casas para viver. Porque é que não nos dá outras casas?

Manuela: Sim, sim.

Carmen: Mas porque é que querem fazer essa pergunta?

Naida: Então se ela mandou destruir as nossas casas, só tinha de nos dar outras.

Carmen: Vocês pensam que a nossa diretora tinha de vos dar outras casas? Mas porquê?

Naida: Sim, tinha de nos dar casas. Algumas pessoas saíram da Barca e tiveram logo casa para viver aqui em Vialonga e nós não. Isso não é justo. Se deram para uns, tinham de dar para todos. Nós já vivemos há três anos na pensão, percebe?

Carmen: E pensam que é a diretora que tem de tratar desses assuntos? Porque é que ainda estão na pensão?

Natércia: Nós estamos na pensão porque a Armandina não arranja casa para a gente.

Carmen: Penso que deviam também perguntar isso: Porque é que ainda estamos na Barca? Já lá vivemos há três anos. Porquê? Mas há mais perguntas que queiram fazer, de certeza! Vocês acham que existe outra solução sem ser viver na pensão?

Naida: Só se nos dessem casas para viver...

Manuela: Não sei...

Carmen: E tu, Natércia? Achas que há outra solução?

Natércia: Eu também não sei... Se não podíamos viver onde vivíamos deviam dar casas à gente, mas a todos.

Carmen: Então podem perguntar assim: Não há outra solução sem ser viver na Barca? Querem escrever mais alguma coisa?

Manuela: Podemos escrever que na Barca há muitas baratas e ratos e aquilo está tudo estragado. O tecto da casa-de-banho já caiu.

Carmen: Em vez de estragada podemos escrevermos que a pensão está muito danificada, que quer dizer o mesmo, mas fica melhor. Mais perguntas, têm?

Naida: Não, acho que já chega.

Carmen: Há pouco vocês disseram que a diretora devia arranjar casas para vocês, mas não sei se percebi bem a ideia. Pensam que deveria comprar casas para as famílias que estão na Barca? Nenhum Agrupamento de escolas tem esse dinheiro nem essa responsabilidade.

Naida: Sim, mas a diretora podia alugar casas para nós, enquanto procurava outras casas para nós vivermos. Assim nós saímos da pensão.

Carmen: Então vocês pensam que a diretora tem casas para alugar aos alunos? Às vezes pode saber de algumas casas que estejam disponíveis para alugar, mas não alugar casas às famílias dos alunos. Será esse o trabalho da nossa diretora?

Manuela: Não sei se é, mas ela ajuda os alunos e também podia ajudar a gente a alugar casas.

Carmen: E essa ajuda é a diretora alugar-vos casas?

Naida: Sim, mas só enquanto a Armandina procura outras casas para nós.

Carmen: Parece-me que a vossa entrevista está cada vez mais interessante. Vamos acrescentar mais essa pergunta. Lembrem-se de mais alguma coisa para perguntar?

Natércia: Não, já chega.

Carmen: Vocês não fizeram pergunta nenhuma sobre o autocarro. Não querem fazer pergunta nenhuma? Sabem que em Dezembro o autocarro deixa de existir e isso pode trazer muitas complicações para todos nós. Imaginem que têm de ir para outra escola, uma escola em Lisboa? Isso significa que eu deixo de ser a vossa professora e deixam de ter os vossos colegas, vão ter outros professores e outros colegas. Será uma escola que não conhecem, enquanto nesta escola vocês conhecem toda a gente e até os vossos pais estudaram aqui.



Manuela: Mas nós precisamos de vir à escola e queremos continuar nesta escola.

Carmen: E se não for possível continuar nesta escola? Têm de ir para outra, não podem ficar sem ir à escola.

Natércia: Mas nós não queremos ir para as escolas ao pé da Barca.

Carmen: Eu percebo, mas isto não é uma questão de querer ou não. Não há grandes hipóteses. Reparem bem: a família da Natércia tem quantos meninos na escola?

Natércia: Quatro. Eu, a Bruna e a Andreia na Granja e o Tiago em Alpriate.

Carmen: E como é que cabem os quatro no carro dos pais? Na parte de trás do carro só existem três lugares. Como é que vão fazer? É muito complicado.

Naida: Mas porque é que a camioneta já não vem?

Carmen: Eu não sei, já no ano passado se falava disso e por isso é que a professora Lina e a turma dela foram para a Escola da Quinta das Índias. Pensou-se que este ano já nem existia o autocarro e fizemos a transferência daquela turma, mas o autocarro continuou a existir para vos trazer da pensão, mas agora isso já não vai acontecer.

Manuela: Podemos perguntar porque é que nós vamos deixar de ter camioneta para vir para a escola? E depois escrevemos: Nós precisamos de ir à escola e para isso precisamos do autocarro.

Natércia: Sim, pode ser assim.

Carmen: Há mais alguma questão ou acham que estas perguntas vos ajudam a perceber melhor o que aconteceu?

Naida: Estas chegam, professora.

Cármén: Então agora têm de avaliar o que fizemos nesta sessão de trabalho. Conseguem fazer isso sozinhas?

Naida: Sim, conseguimos.

Cármén: Então força!

(Diário profissional – 9/11/2010)

Após esta sessão de apoio senti que esta entrevista poderia ser decisiva para a mudança das concepções prévias das alunas. Porém

questionei se deveria ter clarificado ou não algumas questões, em vez de as crianças apresentarem as suas dúvidas e ainda hesitei em enviar o e-mail com a carta e a entrevista.

Apesar de falarmos tantas vezes nos outros professores, nos coordenadores e na direcção do Agrupamento, como é que as crianças têm uma ideia tão distante do trabalho de uma diretora de um Agrupamento? Será que devia ter respondido a algumas questões? O que é que a diretora vai pensar quando receber esta entrevista? Será que vai estar disponível para responder a estas perguntas? E será que esta entrevista é suficiente para mostrar outras opiniões, outra forma de ver a realidade? Como é que aquelas crianças podem ter conhecimento de outras leituras sobre a mesma situação? (Diário profissional – 9/11/2010).

Foi só em Dezembro, devido a ausências das três crianças, que fizemos uma visita de estudo à sede do Agrupamento para fazer a entrevista à diretora. Neste dia ainda tive receio que alguma das crianças faltasse à escola e alguns colegas ofereceram-se para fazer a entrevista e para as ajudar a escrever as respostas da diretora. Todas vieram à escola neste dia e a entrevista foi, de facto, importante para o grupo. A diretora conversou muito com as alunas e valorizou muito o papel que a escola pode ter na mudança da vida das pessoas.

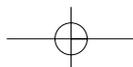
Após esta entrevista as alunas começaram a elaborar, sozinhas, a entrevista às suas próprias famílias e às famílias dos colegas.

Naida: O que é que vamos perguntar aos nossos pais?

Manuela: Vamos perguntar porque é que derrubaram as nossas casas sem avisar?

Natércia: Pois, nós tínhamos tudo nas casas, nem tivemos tempo para tirar as nossas coisas, colocar as coisas nos sacos e levar para a Barca. Manuela: Podemos perguntar porque é que ainda estamos na Barca? Já lá vivemos há três anos. Porquê?

Natércia: Sim, também podemos perguntar se não há outra solução sem ser viver na Barca, como perguntámos à diretora.



Naida: É claro que não há outra solução! Enquanto não nos derem casas nós vamos continuar lá a viver.

Manuela: Mas podemos perguntar na mesma, não faz mal.

Naida: Está bem. Vamos chamar a professora para mostrar o que já fizemos.

Carmen: Então meninas, já conseguiram fazer a entrevista aos vossos pais?

Manuela: Sim.

Carmen: Tão rápido! Nesta entrevista não fazem pergunta nenhuma sobre o autocarro outra vez. Não querem repetir a pergunta que também fizeram à diretora? Assim podem ficar a saber o que é que os pais pensam.

Natércia: Sim, podemos fazer.

Carmen: Lembram-se da entrevista que fizeram à nossa diretora? Na entrevista vocês falaram em alugar casas e a Armandina explicou-vos que têm de ser os vossos pais a alugar casas. Vocês sabem se os vossos pais têm possibilidade, podem alugar casas?

Naida: Não, professora! Os nossos pais não têm dinheiro para isso.

Manuela: O meu pai tem, mas não sei se pode alugar.

Natércia: Eu não sei, mas acho que não. Os meus pais não têm muito dinheiro.

Carmen: Podem perguntar para saber.

Naida: Podemos escrever assim: nós podíamos alugar casa?

Carmen: Parece-me que estas perguntas são suficientes. Só pensaram na entrevista aos vossos pais e irmãos?

Natércia: Não, também devíamos fazer uma entrevista aos pais dos nossos colegas.

Carmen: E será a mesma entrevista?

Manuela: Sim.

Naida: Ai sim? Achas que podemos perguntar: o que é que nós fizemos para derrubarem as nossas casas? As casas eram nossas, não eram delas!

Carmen: Tudo bem, Naida. Não é preciso zangares-te. Podem olhar para a entrevista que fizeram aos vossos pais e adequá-la aos pais dos ou-

tros meninos. Era nisso que estavas a pensar, Manuela?

Manuela: Sim, era, mas a Naida quer sempre mandar e decidir tudo.

Carmen: Não pode ser. O projeto é das três e são vocês que decidem, têm de chegar a um acordo. Na entrevista às famílias dos vossos colegas, qual é que deve ser a primeira pergunta? Será a mesma que na entrevista aos vossos pais? Vocês sabem se os outros meninos e as outras famílias conheciam as vossas casas?

Naida: É claro que conheciam!!!

Carmen: Mas como? O Rui, por exemplo, está a viver na Granja só este ano. A Soraia veio o ano passado para a Granja.

Manuela: Alguns podiam conhecer, outros não!

Carmen: Então começemos por aí.

Natércia: Podemos perguntar o que existia antes de estarem lá as nossas casas e porque mandaram destruir as nossas casas. Alguns vivem aqui há muito tempo e podem saber.

Naida: Sim, pode ser.

Manuela: Mas também temos de perguntar: se mandaram destruir as nossas casas, porque é que não fizeram lá nada?

Natércia: E porque é que destruíram as nossas casas e não deram outras e porque é que mandaram destruir as casas se viviam lá pessoas?

Naida: Também podemos contar que vivemos na pensão da Barca há três anos e perguntar se alguém sabe porquê.

Carmen: Já terminaram?

Manuela: Acho que sim.

Carmen: Como é que agora as famílias vão responder a essas entrevistas?

Natércia: Passamos as entrevistas a computador, imprimimos e fotocopiámos para todos.

Carmen: Mas são duas entrevistas diferentes. Com as vossas famílias podem explicar do que se trata, mas imaginem que algum colega vosso leva a entrevista para casa e não sabe explicar o vosso projeto. Como é que faz? Acham que podem ajudar os vossos colegas? Além disso, se os pais responderem vai ser muito bom, porque as pessoas têm muito trabalho e têm pouco tempo. Se não



souberem porque é que existe esta entrevista, talvez até nem respondem.

Naida: Então nós podemos escrever uma carta a explicar o nosso projeto, como fizemos com a diretora.

Natércia: Boa ideia!

(Diário profissional, 7/12/2010)

A carta que escreveram foi muito semelhante à carta que tinham enviado para a diretora. Quando já tinham a entrevista e a carta preparadas para serem entregues a cada um dos colegas, explicaram o que estavam a fazer no projeto e para que servia a entrevista: “precisamos de saber se os vossos pais conheciam as nossas casas e o que sabem.”

João: Não sei se os meus pais sabem, mas a minha tia sabe de certeza, porque ela já vive cá na Granja há muito tempo.

Beatriz Teixeira: Os meus pais não sabem de nada. Posso perguntar à minha avó?

Natércia: Sim, podes. Cada um leva uma entrevista para fazer aos pais, aos irmãos ou aos avós.

Diogo: Então eu vou fazer a entrevista ao meu avô. As vossas casas eram mesmo ao pé da casa do meu avô.

(Diário profissional, 14/12/2010)

À medida que as famílias respondiam às entrevistas, as crianças liam-nas e copiavam as respostas para uma tabela, de forma a ter todas as respostas para cada uma das perguntas das entrevistas. No entanto, nas dificuldades que os grupos encontram no tratamento de informação e na organização e distribuição de tarefas, apercebo-me que o meu acompanhamento é muito diferente de grupo para grupo, que há grupos que encontram dificuldades que não conseguem ultrapassar sozinhos e eu preciso de os acompanhar em várias tarefas.

As três crianças que desenvolvem o projeto sobre as casas conseguiram sensibilizar o grupo para responder a uma entrevista que ti-

nham elaborado, mas não conseguiram que as suas famílias respondessem, porque eles próprios não têm as competências de escrita necessárias.

Depois da entrevista à diretora da escola, estão agora a recolher entrevistas aos pais dos meninos da turma. Alguns conseguiram pedir aos pais para escrever o que sabiam sobre a história das casas, outros não sabem nada da situação das meninas. Os pais das meninas envolvidas não responderam, talvez porque também não sabem escrever. Percebi que não posso enviar um questionário para os pais responderem por escrito, por isso quando os pais as vão buscar sento-me com eles e as filhas e fazemos as perguntas que precisamos. A Manuela sentiu-se muito feliz quando o pai respondeu a todas as perguntas da entrevista. Eu fui registando todas as respostas e a Manuela explicou ao pai que o nome da diretora era Armandina e que já tinha ido falar com ela sobre as suas casas e o projeto que estão a desenvolver (Diário profissional – 7/1/2011).

Ao longo do desenvolvimento dos projetos a autonomia das crianças vai-se tornando cada vez mais visível.

No grupo sobre as casas só estive uma menina. As outras duas faltaram novamente. Fiquei aflita a pensar que mais uma vez não se ia avançar neste projeto. Enganei-me redondamente!

A Natércia organizou todas as folhas do projeto com separadores e começa a transcrever as entrevistas que o grupo já fez aos seus pais e à comunidade. É rápida no processamento de texto (Diário profissional – 18/1/2011).

No entanto, tenho consciência que ajudar as crianças a desenvolver projetos é muito complexo. É um confronto constante do que eles gostariam de fazer com o que fazem e o que eu penso que deveria ser feito e ainda com o que nos é exigido pelo programa. Por isso, é fundamental uma regulação, para fazermos uma monitorização do projeto, em que verificamos as aprendizagens realizadas, apoiá-las individualmente no Tempo de Estudo Autónomo (TEA) e incentivar parcerias de trabalho. Os momentos de avaliação em que fazemos pequenos balan-



ços são fundamentais para a turma tomar consciência das dificuldades de cada um.

Numa outra sessão de trabalho apoiei as alunas do projeto das casas novamente. Verifico, mais uma vez, que as crianças

sabem perfeitamente o que precisam de continuar a fazer. Sabem que ainda não acabaram de transcrever a entrevista do pai da Natércia. Mas sinto-me angustiada por o projeto ter um ritmo demasiado lento. Quando ainda estão a transcrever a primeira entrevista, eu queria que já tivessem transcrito todas as entrevistas. Por isso, trabalhamos as três juntas hoje. Ajudei-as no processamento de texto para ser mais rápido. Precisava de trabalhar com este grupo para sentir que sei tudo o que está a acontecer com todos os projetos. Continuo a sentir que tenho de controlar todos os projetos (Diário profissional –15/2/2011).

Apesar disso, foi muito difícil tratar a informação de todas as entrevistas recolhidas. A informação era imensa, as crianças tendem a fazer uma análise muito subjectiva e, portanto, o meu apoio foi essencial para colocar questões e mostrar, pela escrita, as diferenças entre uma opinião e os factos da situação problemática que viveram.

Precisei de conversar muito com as três crianças e confrontar o meu ponto de vista com os delas. Tenho dificuldade em mostrar o que penso e valorizo coisas que não são valorizadas pelas alunas (Diário profissional – 15/2/2011).

Vimos que faltava fazer entrevistas a alguns familiares das autoras.

Combinámos que íamos fazer a entrevista ao pai da Naida e aos irmãos mais velhos, que frequentam a EB 2,3 e Secundária quando as viessem buscar. Aos irmãos que frequentam a nossa escola combinámos que íamos fazer a entrevista sem interromper o trabalho e que podíamos aproveitar o recreio para isso.

Leram sozinhas as entrevistas de todos os pais da turma. Ler o que cada pai tinha respondido fez com que falassem sobre as casas e sobre a vida delas na Granja.

Carmen: O que sentiram quando leram as entrevistas?

Natércia: Não é verdade algumas coisas!

Naida: Sentimos que algumas partes não eram bem assim e agora estamos a responder ao que nos perguntam.

Carmen: Mas reparem, o que está aqui não são perguntas. A única pessoa que vos faz uma pergunta é a mãe do João. De resto o que está escrito são as opiniões das pessoas, o que as pessoas pensam. Não há verdades, nem certo, nem errado. Nós não vamos dizer a estas pessoas, aos pais dos outros meninos que estão errados. Nem podemos pensar nisso. Cada um de nós tem a sua opinião e respeitamos isso, mesmo que seja diferente da nossa opinião.

Naida: Pois, é verdade.

Começámos a análise dos inquéritos a partir do fato de existirem famílias que não sabiam nada sobre as casas delas.

Carmen: Porque é que estas pessoas não sabem nada sobre as casas delas?

Naida: Não sei.

Carmen: Mas olha, as famílias explicam aqui. Repara bem. Está escrito que vivem na Granja há pouco tempo.

Naida: Sim.

Natércia: Então, não sabem nada sobre as nossas casas.

Manuela: Não as conheceram.

Carmen: Então, mas porquê? Porque é que não sabem? Como é que não sabem? Quando vos derrubaram as casas vocês apareceram nas notícias.

Naida: Pois foi.

Carmen: E vocês estão nessa situação há quase três anos e ninguém sabe nada e quem vem viver para a Granja é como se vocês não tivessem existido. Porque é que isso acontece?

Naida: Porque as pessoas têm muito que fazer.

Carmen: Mas é um problema grave, não acham?

Natércia: Sim é, mas as pessoas não querem saber.

Carmen: Será que as pessoas não ligam e não querem saber? Vocês sabem dos problemas das outras famílias?

Natércia: Sim, o meu tio no domingo telefonou ao meu pai para ele ir ajudar a carregar a carrinha e o meu pai foi ajudar.

Carmen: Mas reparem, isso é na vossa família. O que é que acontece nas vossas famílias quando há algum problema?

Naida: Quando há brigas os nossos pais vão lá tentar ajudar.

Carmen: Não tentar fazer o quê? Ajudam a resolver?

Naida: Sim, ajudam. Gritam muito e às vezes batem-se.

Carmen: E sem ser quando há brigas, quando alguém fica doente?

Naida: Quando o meu avô, aquele que morreu o ano passado, ficou doente o meu pai estava sempre lá.

Natércia: Quando alguém da nossa família vai para o hospital, os nossos pais vão lá visitá-los.

Carmen: E nas outras famílias será que também é assim?

Naida: Deve ser.

Carmen: E as vossas famílias conseguem ajudar outras famílias que também tenham problemas? Ajudam alguma pessoa que não seja da vossa família?

Naida: Não.

Carmen: Então, se calhar com as outras famílias acontece o mesmo. Primeiro ajudam as pessoas da sua família e depois já não conseguem ajudar mais nenhuma família.

Naida: Pois, se calhar é.

Carmen: Mas imaginem... acham que seria bom as outras famílias saberem?

Natércia: Sim, era bom, para nos ajudar.

Carmen: Então se contarem a vossa história e as outras famílias não vos conseguirem ajudar?

Naida: Não faz mal. Nós contamos e metemos na Internet e também podemos man-

dar o nosso livro para a Câmara. Quando terminarmos isto temos o projeto feito e depois já temos também as nossas casas.

Carmen: É uma boa ideia enviar para a Câmara, podemos enviar por e-mail, como fizemos com a entrevista que pediram e ainda não tiveram resposta.

Num momento de Tempo de Estudo Autónomo, trouxe para as alunas um jornal do *Público*, com um relato de uma história muito semelhante às delas.

Cármen: Trouxe o jornal *Público* de sábado porque queria que lessem uma notícia.

Naida: Qual?

Cármen: Uma notícia que aqui está.

Para além do jornal trouxe ainda o suplemento e a Natércia fica sem saber o que vão ler primeiro, se cada uma lê um. Quando as vi com o jornal e o suplemento na mão pensei que não tinha sido explícita o suficiente.

Carmen: Este é o jornal. É aqui que está a notícia que eu quero que leiam. Penso que vos vai interessar. Este é o suplemento do jornal. Podem ler depois se quiserem.

A Naida agarra o jornal e começa a desfolhá-lo.

Naida: É esta? (aponta para uma notícia ilustrada com uma fotografia de uma senhora numa conferência)

Cármen: Não.

A Naida continua a desfolhar folhas sem ler os títulos, sem tentar ler uma notícia.

Naida: É esta? (aponta para outra notícia.)

Carmen: Deixa ver.

Naida: Esta aqui.

Carmen: Não.

Naida: É esta? (pergunta-me um segundo depois)

Carmen: Porque é que não lês os títulos? Já tentaste ler alguma notícia? Podes ler para ti e para a Natércia e vêes se vos interessa. Não vos vou dizer qual é a notícia, porque tenho a certeza que a vão descobrir e vão perceber logo qual é.



A Naida continuou a desfolhar o jornal. Estavam as duas muito atentas.

Natércia: Olha, as nossas casas! (tinham encontrado a notícia que lhes queria mostrar)

Naida: Ah... as nossas casas!

Carmen: São mesmo as vossas casas?

Natércia: As nossas casas eram assim.

Naida: Quando destruíram as nossas casas ficou tudo assim.

Carmen: Mas essa notícia é mesmo sobre as vossas casas? Podem ler a notícia juntas. Reparem lá no título da notícia.

Naida: “Ciganos de Campo Maior foram desalojados há um ano.” Não, não são as nossas casas.

Carmen: Pois, vocês foram desalojados há quase três anos. Não é sobre as vossas casas, mas sabem onde fica Campo Maior? (Fomos buscar o mapa para ver onde ficava.) Podem ler a notícia para perceber o que aconteceu.

Começaram a ler a notícia. A meio a Naida queixou-se com cansaço.

Naida: Ai, isto é muito grande. Já ‘tou cansada.

Carmen: Mas temos de perceber o que aconteceu, não?

Continuaram... e quando terminaram estavam esgotadas. Deixei-as respirar, mas não muito. Comecei a fazer perguntas...

Carmen: Então, o que pensaram quando viram a notícia? O que perceberam do que leram?

Natércia: Primeiro a gente achou que era sobre as nossas casas, depois vimos que não era e sentimos que estas pessoas sentiram o mesmo que nós quando as casas foram destruídas.

Carmen: Querem levar para casa este artigo, para lerem aos pais?

Naida: Não professora. Não é preciso.

Quando perguntei à Naida e à Natércia se queriam levar o artigo de jornal para casa e elas recusaram tive um choque! Para mim era importante ter o

jornal e lê-lo, para elas não. Na minha cultura era importante, na delas ainda não (Diário profissional – 17/2/2011)

Após o tratamento de informação de todas as entrevistas, de uma análise das respostas de cada entrevistado, as crianças sentiram que tinham o projeto terminado e que o livro que se tinham comprometido a construir estava feito. Porém, faltava ainda as conclusões do projeto, as quais eram determinantes para explicar o que pensavam no fim do projeto, para que se confrontassem com o que pensavam no início.

No momento do trabalho de Inglês e Música trabalhei com as meninas do projeto das casas. Saí esgotada da escola, com a certeza que o meu objectivo e o delas, neste projeto (como na vida), é totalmente diferente. Para mim, o importante é que valorizem a escola como um meio de conseguirem melhores condições de vida; para elas continua a ser (e cada vez mais) a aquisição de uma casa o mais importante (Diário profissional – 22/3/2011).

Carmen: Afinal que conclusões fazem após o projeto? O que é que querem com o vosso projeto?

Naida: Nós queremos casas para viver!

Carmen: Querem uma casa como?

Naida: Queremos uma casa onde pagamos água, luz e gás.

Natércia: Numa casa onde brincamos, arrumamos as coisas, comemos as refeições a horas certas.

Naida: Na nossa casa nós estamos à vontade.

Carmen: E na pensão isso não acontece?

Naida: Na pensão? Não! Nós não fazemos as nossas camas, vai sempre lá uma senhora fazer as nossas camas. Nós temos uma chave do quarto e eles têm outra, por isso entram nos nossos quartos sempre que quiserem. E nós não temos privacidade nenhuma, nunca estamos à nossa vontade.

Carmen: Pois, eu percebo. Mas agora expliquem-me lá como é que vão ter as casas? Como é que querem ter casas vossas?

Natércia: Não sabemos, a Câmara já não vos vai dar as casas.

Naida: Pois não! E isso está mal, porque se deu casas a uns também devia ter dado a outros.

Carmen: Porque é que dizes isso?

Naida: A Câmara deu casas a seis famílias e os outros continuam na Barca. Se deu a uns, devia dar aos outros. Arranjava casas para todos ao mesmo tempo. Assim não é justo.

Carmen: Não é justo, como? Porque é que a Câmara tem de vos dar casas?

Naida: Porque deu a uns ciganos e devia dar aos outros todos. Assim era justo.

Carmen: Está bem, mas porque é que tem de dar casas a todas as famílias ciganas? As famílias dos outros meninos não têm casas da Câmara.

Naida: As famílias dos outros meninos também têm, se pedirem.

Carmen: Então a Câmara dá casas a todas as famílias se pedirem?

Natércia: Não, só dá às famílias que precisam.

Carmen: Então mas os outros meninos se calhar também precisavam e tiveram de comprar ou alugar uma casa.

Naida: Mas eles podem comprar uma casa, nós não!

Carmen: Mas porquê?

Naida: Nós não podemos comprar uma casa, é a Câmara que nos vai dar uma casa.

Carmen: Não percebi ainda porque é que vocês têm direito a uma casa e eu, por exemplo, não tive. Eu tive de comprar a minha casa. Porque é que isso acontece?

Natércia: Os nossos pais não podem comprar uma casa. Não têm dinheiro.

Carmen: Mas eu também não tinha. Eu tinha um trabalho, fui ao banco pedi dinheiro e emprestaram-me. Agora estou a pagar a minha casa.

Naida: Mas a nós o banco não nos empresta dinheiro, por isso tem de ser a Câmara a dar-nos uma casa, percebe?

Carmen: Não. Porque é que o banco não vos empresta dinheiro?

Naida: Não sei.

Carmen: Mas o que é preciso ter para nos emprestarem dinheiro?

Natércia: Não sei.

Naida: Também não sei.

Carmen: Eu só consegui que o banco me emprestasse o dinheiro para comprar a casa onde vivo porque tinha um trabalho e com o ordenado que recebia o banco viu que eu conseguia pagar a casa. Os vossos pais trabalham?

Natércia: Sim, trabalham.

Naida: Mas não recebem muito dinheiro, na feira há muita gente, mas ninguém compra nada. A feira não dá dinheiro!

Carmen: Se a feira não dá dinheiro, acham que é por isso que os vossos pais não conseguem alugar uma casa ou até comprar?

Natércia: Pois, os nossos pais não conseguem ganhar dinheiro para alugar uma casa.

Naida: Por isso tem de ser a Câmara a dar-nos uma casa e as casas da Câmara, nós podemos pagar.

Carmen: Está bem. O que vocês me dizem é que a feira não dá dinheiro para alugar ou comprar uma casa. Os vossos pais não podem trabalhar noutra sítio?

Naida: Não, os meus pais só sabem trabalhar na feira.

Natércia: Os meus também.

Carmen: E onde poderiam ter aprendido outra profissão sem ser feirante?

Natércia: O que é profissão?

Naida: Profissão olha, é uma coisa que tu fazes.

Carmen: A minha profissão é professora, tu és estudante. Mas há muitas profissões: enfermeiros, médicos, auxiliares de educação, como a D. Ana, cozinheiros... Para ser professora eu tive de estudar até ao 12.º ano e depois fiz o curso de professores. Hoje sou professora.

Naida: Está bem, mas a professora gasta



muito dinheiro a vir para a escola, compra muitos livros para nós e os nossos pais não podiam fazer isso.

Carmen: Eu recebo um ordenado, um dinheiro no final do mês e com esse dinheiro eu pago a casa, a gasolina. Os livros, eu só compro porque gosto muito de livros, não sou obrigada a comprar os livros.

Natércia: A professora trabalha o mês todo e só no final do mês é que recebe?

Naida: Na feira não é assim. No final da feira os meus pais trazem logo o dinheiro.

Carmen: Sim, há trabalhos assim. Nuns trabalhos nós recebemos por cada dia que trabalhamos, noutros é só no final do mês. Vocês já pensaram o que gostariam de ser quando fossem grandes?

Natércia: Eu gostava de ser dona de um café ou professora.

Carmen: Dona de um café, como a mãe da Diana.

Natércia: Não, eu gostava de ser a dona.

Carmen: A mãe da Diana é a dona do café.

Natércia: Mas ela trabalha muito.

Carmen: Pois, mas é assim. E tu, Naida?

Naida: Eu não sei.

Natércia: Tu e a Manuela também queriam ser professoras.

Naida: Pois é isso.

Carmen: E como vão conseguir isso?

Naida: Não sei.

Carmen: Achar que a escola é importante para vos ajudar a ser professoras?

Naida: A escola é importante, mas sabe: antes eu não gostava da escola. Chorava muito e não queria vir para a escola! Nunca queria vir e depois comecei a vir e a gostar. Aqui eu aprendi tudo.

Carmen: Mas tudo o quê?

Naida: A professora não sabe, mas antes eu falava muito alto e estava sempre quase a gritar. E na escola aprendi a falar de outra maneira.

Carmen: Ah, que interessante! Achas que podemos escrever isso aqui?

Natércia: Sim.

Carmen: Mas como escrevemos?

Natércia: Na escola aprendemos outra forma de falar...

Naida: de... de... pronto... de...

Carmen: estar.

Naida: É isso.

Carmen: E o que aprendem mais?

Natércia: Aprendemos a dançar de outra maneira e também a cantar.

Carmen: Então escrevemos como?

Natércia: Na escola aprendemos outra forma de falar, de estar, de dançar e de cantar.

Carmen: Vocês acham que a escola é importante? O teu irmão mais velho, Naida, já está a aprender uma profissão?

Naida: Sim. Ele está a aprender a ser marce... marce... marce... qualquer coisa, não sei! Ele faz coisas de madeira.

Natércia: O irmão da Manuela também faz isso.

Carmen: Estão a estudar marcenaria.

Naida: Sim, é isso.

Carmen: E acham que eles quando forem mais velhos podem trabalhar noutro sítio sem ser na feira?

Naida: Não sei.

Natércia: Podem, porque já sabem fazer outra coisa sem ser vender na feira.

Carmen: Então o que vamos escrever depois desta conversa toda?

Naida: Escrevemos assim:

Na escola nós aprendemos tudo, tiramos um curso e escolhemos uma profissão, o que queremos ser quando formos grandes.

Carmen: Agora podíamos escrever o que cada uma de vocês quer ser para mostrar às pessoas o que vocês estão a fazer na escola.

Natércia: Podemos escrever:

A Naida quer ser professora para escrever no quadro, a Natércia quer ser professora ou dona de um café e a Manuela quer ser professora de 1.º Ciclo, como a nossa professora Carmen.

Carmen: E para aprenderem a ser professoras ou donas de café o que precisam de fazer?

Natércia: Podemos escrever assim:

Para isso nós precisamos de aprender, de não sair da escola e de tirar um curso.

Com um trabalho vamos conseguir ganhar dinheiro para comprar uma casa, comida e roupa.

Carmen: Mas o que é que precisam para continuar a estudar?

Natércia: De uma casa!

Naida: De uma casa, professora! Sem uma casa ninguém nos respeita. E com uma casa as coisas já são diferentes. Se vivermos na rua depois as pessoas vão lá, gozam-nos e tratam-nos mal. Com uma casa a nossa vida já é melhor.

Carmen: Mas escrevemos isso que estás a dizer?

Natércia: Temos de escrever de uma maneira que os outros entendam.

Carmen: Então como escrevemos? Podemos começar assim:

Para estudar, para aprender precisamos...

Natércia: de ter uma casa para morar.

Naida: Glória a Deus, não nos tiraram o resto do sorriso! Com casas seremos felizes.

Natércia: Com casas vínhamos sempre à escola.

Naida: Com casas somos olhados com respeito.

Carmen: Podemos escrever: Os nossos pais não tiveram oportunidade de estar na escola!

Naida: Sim, pode ser.

Carmen: E vocês?

Naida: Nós queremos estar na escola.

Natércia: Nós gostamos da escola.

Carmen: Essas são boas frases para terminarmos o texto. Vamos ler o texto todo para ver se faz sentido.

Com as conclusões do projeto feitas, começaram a preparar a comunicação do projeto e a sua divulgação. Combinaram o que cada uma apresentava, quando mostrávamos a duas re-

portagens que tinham: uma da SIC que tinha sido transmitida em 2008 e outra que tinham feito com a colaboração de uma amiga, a Ilda Alves, na qual contaram a sua história de vida.

Comunicação do projeto

As crianças comunicaram o seu projeto à turma e, como é habitual, o grupo tirou alguns apontamentos, escreveu as suas dúvidas no caderno diário. Seguidamente, fez a avaliação da comunicação e do projeto. Cada elemento da turma escreve o que pensa para partilhar a sua opinião e aponta dúvidas que ainda tenha (e que não escreveu durante a comunicação) para apresentar ao grupo, de modo a que tenha oportunidade de clarificar alguns aspectos.

Quando terminaram a comunicação havia muitas dúvidas e começámos por elas. Muitas crianças fizeram as mesmas perguntas que as autoras do projeto, como se precisassem de ouvir novamente aquelas histórias de vida. Outras perguntas mostravam que as crianças estavam curiosas sobre o modo de vida daquelas famílias, embora sempre tivessem vivido muito perto uns dos outros.

“Como é que as vossas casas foram derrubadas? Porque é que não vos avisaram? Porque é que não vos deram outras casas para viver? Eles foram obrigados a derrubar as vossas casas?” (Vitor)

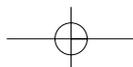
“As vossas casas tinham salas, quartos e cozinha? Qual era o vosso comer? Vocês tinham uma casa para cada uma?” (Lúri)

“Como apanhavam luz nas vossas casas?” (Lúri, Beatriz Teixeira e Beatriz Figueiredo)

“Viviam com autorização ou sem autorização? Vocês pagavam a renda da casa? Tinham água canalizada? Têm tempo de brincar lá na barca? Vocês pagavam renda?” (João)

“Porque é que destruíram as vossas casas?” (Diana)

“Vocês tinham tudo em casa? Foram vocês que construíram as vossas casas? Vocês tinham fogo?” (Beatriz Teixeira)



"Vocês compraram o terreno ou não?" (Beatriz Figueiredo, Diogo)

"O que é miséria?" (Diogo)

"Como é que faziam o fumo?" (Diogo e Beatriz Teixeira)

"O vosso sonho é ter uma casa, como eu, o Daniel? Onde é que arranjavam comida?" (Isabel)

Depois, partilharam com o grupo os seus comentários, em que fazem uma avaliação sobre o desenvolvimento do projeto e da comunicação do grupo à turma.

"Vocês explicaram bem." (Vitor)

"Gostei muito do vosso projeto. É impressionante. São muitas pessoas a ir para a rua. O projeto correu bem e quase me apetecia chorar com a reportagem. Eu aprendi muito" (Iúri)

"Eu aprendi muito com este projeto. O projeto correu bem, mas vocês tiveram muitas dificuldades. Gostei da música que cantaram na reportagem. Deviam continuar a fazer projetos assim sem brincar, como vocês fizeram." (Soraia)

"A vossa comunicação não correu bem porque estavam à frente umas das outras e falavam ao mesmo tempo." (Diana)

"Elas faltaram muito e ajudaram-se." (Beatriz Teixeira)

"Eu aprendi muito, mas não sei explicar. Aprendi muito sobre tudo." (Beatriz Figueiredo)

"O projeto foi bom e espero que vocês consigam resolver o vosso problema." (Diogo)

"Este projeto foi triste. Eu senti-me triste por vocês. Foi um bom projeto." (Isabel)

"Eu acho que apresentaram bem e gostei das reportagens." (João)

Após esta comunicação foi necessário fazer uma sessão de trabalho em que discutimos, em coletivo, alguns aspetos. Caracterizámos as casas e descrevemos as atividades e algumas rotinas das famílias que viviam naquele terreno, discutimos sobre os serviços municipais aos quais todas as habitações legalizadas têm acesso, analisámos a diferença entre os contra-

tos com as empresas que nos fornecem a água, a luz e o gás numa habitação legal e numa habitação ilegal, entre as rendas das casas alugadas e as rendas das casas que são compradas por empréstimo ao banco e ainda fizemos o levantamento das despesas essenciais para cada família (alimentação, saúde, produtos de higiene e roupa) e as acessórias, como a Tv Cabo, a Internet, o carro particular.

Além disso, como a maioria das famílias envolvidas neste problema exerce a profissão de feirante, debatemos as suas condições de trabalho.

"– Os feirantes trabalham à chuva e ao sol (como os agricultores e os futebolistas)

– Quando chove torrencialmente há muito menos pessoas na feira. Muitas vezes arrumam tudo ou colocam plástico por cima da mercadoria.

– Nas feiras há muito barulho. Os vendedores estão sempre a praguejar. Repetem muito.

– Às vezes colocam os preços muito altos, as pessoas não querem comprar e vão a outros sítios. Por isso ganham pouco dinheiro. Outras vezes, os preços são muito baixos, muitas pessoas compram e ganham muito dinheiro.

– As lojas dos centros comerciais fazem saldos, vendem os produtos muito baratos e têm mais coisas. As lojas chinesas também vendem os produtos muito baratos. Quem trabalha nas feiras vende pouco. Para mudar esta situação tinham de vender produtos com mais qualidade e mais baratos. Os feirantes não conseguem fazer isso.

– As pessoas não foram à escola, não estudaram, não sabem escrever e ler. Por isso, não conseguem arranjar outro trabalho. Há preconceitos em relação aos ciganos. As pessoas pensam que eles não sabem nada, não conseguem trabalhar noutra coisa sem ser trabalhar na feira, mesmo que sejam ciganos que tenham estudo."

Para sintetizar a situação vivida pelas famílias antes da demolição das casas, fizemos um levantamento de aspectos que considerámos positivos e negativos.

“Aspetos positivos:

- pagavam as bilhas de gás
- tinham uma vida normal, quase como a de todos nós
- são quase todos muito unidos e estão sempre juntos

Aspetos negativos

- construíram casas num terreno que não era deles
- não pagavam luz, água e a renda da casa
- as casas não tinham condições, não havia esgotos e água canalizadas
- alguns receberam casa e outros não
- não estudaram durante muito tempo na escola

Através desta síntese comecei a questionar as crianças se o governo faria alguma coisa para ajudar estas pessoas ou para ajudar as famílias.

João: *Eu acho que não tem feito nada.*

Carmen: *Mas acham que existe alguma forma de o governo ajudar as famílias? As vossas famílias recebem algum tipo de apoio, de ajuda?*

Beatriz Antunes: *Eu acho que a minha mãe recebe ajuda para não pagar os almoços, os livros da escola e os lanches.*

Carmen: *E quem é que recebe esta ajuda dos lanches?*

Rui: *São os meninos que têm escalão A.*

Carmen: *E o que é que isso quer dizer?*

Iúri: *Eu tenho escalão B, não tenho direito ao lanche, quem tem escalão A é que tem.*

João: *Eu não sei de que escalão sou. Acho que não sou de nenhum.*

Isabel: *Mas porque é que uns têm escalão e outros não?*

Carmen: *O escalão A e B é uma ajuda económica da segurança Social e da Câmara. Todas as famílias podem pedir esta ajuda, mas são a Câmara e a Segurança Social que atribuem o escalão, verificam os ordenados dos vossos pais e veem se precisam de ajuda. Se precisarem de muita ajuda têm o escalão A, têm direito aos manuais, a um lanche e não pagam os almoços. Se*

precisarem só de alguma ajuda têm o escalão B e, neste caso, pagam metade dos almoços e dos manuais. O que tem acontecido é que, tendo em conta a situação do país, há cada vez menos ajudas.

Vítor: *Então os que não são A e B, não têm ajuda nenhuma e têm de pagar tudo?*

Carmen: *Sim!*

Nesta sessão ainda fiz uma explicação sobre os abonos de família e o programa do rendimento social de inserção, deixando uma questão para as crianças: “se estas ajudas existem, se estiver tudo a funcionar, o que é que está a falhar, então? Estas famílias continuam com dificuldades graves, é certo. O que é que falta fazer ou mudar?” A pares, a turma discutiu que medidas poderia tomar se tivesse poder de decisão. Cada par teria de pensar em duas medidas e partilhá-la com o grupo. Estas foram as medidas que encontraram:

– *Para aquelas pessoas que não dão emprego sem razão nenhuma ou só por as outras pessoas serem ciganos, devíamos fazer uma queixa e deviam pagar uma multa. (Rui e Soraia)*

– *Devemos ajudar as pessoas a criar empresas e trabalho em cafés, lojas de roupa, papelarias, limpeza e lavandaria, entregas de materiais e empresas de mudanças. (Rui e Soraia)*

– *As pessoas devem ser acompanhadas nas consultas de planeamento familiar para não terem tantos filhos, quando não têm condições. Nestas consultas aprendiam a usar os preservativos, as pílulas e conversavam com os enfermeiros. (Rui e Soraia)*

– *Os adultos deviam voltar à escola para estudar. (Rui e Soraia)*

– *Se nós fôssemos primeiros-ministros abríamos uma escola para bebés com meses para os pais poderem ir trabalhar, escolas para adultos e idosos para terminarem os estudos que lhes faltam. (Beatriz Teixeira e Iúri)*

– *O dinheiro que se gastou na pensão devia ser para comprar casas que estas pessoas possam pagar.*



– *As pessoas deviam ter sempre um emprego para terem dinheiro e deviam ir à escola para saberem as coisas que não sabem. (Diana, Beatriz Figueiredo, Eric e Daniel)*

– *As pessoas devem ir à escola para saberem ler e escrever” (Daniel e Eric)*

Após esta partilha, a turma decidiu colocá-las no blogue da turma, mas o projeto sobre as casas não ficaria apenas na turma.

Ao longo do desenvolvimento do projeto as crianças mostraram muito interesse em enviar o livro que tinham construído para a Câmara Municipal, mas tendo em conta que o problema das famílias era cada vez mais grave, comecei a pensar que talvez fosse necessário ampliar a divulgação do projeto. Num pequeno momento com a diretora do Agrupamento fiz um ponto de situação sobre o projeto das casas, contei as preocupações das crianças e o medo imenso que têm de viver na rua com as suas famílias e questionei-a sobre os sítios para onde deviam enviar o livro que tinham construído. A diretora apoiou, mais uma vez, as alunas e facultou uma série de endereços eletrónicos de jornalistas, pessoas, entidades, instituições e organismos públicos que têm feito um acompanhamento destas famílias e/ou a quem lhes pudesse interessar esta situação.

Ainda antes da interrupção letiva da Páscoa escreveram uma carta de apresentação do projeto e das suas conclusões para enviarem juntamente com o livro e enviaram os e-mails. Começaram a ter algumas respostas no e-mail da turma, mas tardaram a responder. Foi necessário aproveitar os dias, e todos os tempos, em que estavam presentes na escola para conseguir responder a todos os e-mails.

Após as férias da Páscoa, a ausência das meninas do projeto incomodava porque havia imensos e-mails para responder. As faltas continuavam, mas hoje voltaram e aproveitámos até os recreios e o tempo das atividades extra-curriculares para trabalhar no projeto.

Lemos os e-mails em voz alta e escrevemos as respostas. A Natércia ainda não domina o código escrito

e é visível (agora) uma vontade imensa de escrever e de ler. Copia as palavras que precisa, solicita a minha ajuda para escrever o que não consegue, mas eu ainda sou a sua escriba, a quem dita o que quer escrever (Diário Profissional – 2/5/2011).

Apesar de uma série de e-mails, o que mais as marcou foi um e-mail da Mirna Montenegro:

Minha queridas

Fiquei muito comovida com as vossas palavras e o vosso projeto, que até me vieram as lágrimas aos olhos.... E fiquei também com um enorme sentimento de impotência, porque eu sozinha não sou ninguém para vos poder valer! Sou apenas uma cidadã que não tem poder nenhum sobre as autoridades...

Natércia: Querida Mirna, não era preciso chorar.

Carmen: Porque é que dizes isso?

Natércia: (encolheu os ombros) Porque não é preciso ficar triste.

Carmen: Mas porque é que a Mirna terá ficado a chorar depois de ler o vosso e-mail e o vosso projeto?

Natércia: Porque a nossa situação é muito grave e ela não pode fazer nada para nos ajudar. Ninguém pode, quase.

Carmen: Então como vamos escrever afinal?

Natércia: “Olá Mirna! Obrigada!”

Carmen: O que é que sentiram quando leram juntas o e-mail da Mirna e descobriram que ela tinha chorado?

Natércia: Ficámos espantadas, não sabíamos que as pessoas iam chorar.

Carmen: Então escrevemos isso mesmo.

Natércia: “Ficámos espantadas quando lemos que lhe caíram lágrimas, mas não era preciso chorar.”

Carmen: Fica melhor assim: “Ficámos espantadas quando lemos que lhe caíram lágrimas, mas não era preciso ter chorado...”

Mas porque é que terá chorado?

Natércia: Porque sentiu o mesmo que nós. Não gostou da nossa situação.

Carmen: E vocês também já choraram quando ficaram sem as vossas casas e por estarem na pensão?

Natércia: Sim, já. Muito.

Carmen: Então podemos escrever assim: “Deve ter ficado a sentir como nós e sabe...” acrescentamos mais alguma coisa?

Natércia: Sim, escrevemos “nós também já chorámos muito!”

Carmen: Repara só no e-mail da Mirna. Ela escreve que é impotente, significa que não vos pode ajudar, nem fazer nada, a não ser, divulgar o vosso projeto pelos amigos dela. Achas que isso é bom?

Natércia: Sim, é bom.

Carmen: Mas porquê?

Naida: Porque pode haver algum amigo que possa ajudar a gente.

Carmen: É por isso que é bom?

Natércia: Não. Ninguém nos pode ajudar...

Carmen: Ninguém vos pode ajudar?

Naida: Não, nós é que temos de resolver. Nós é que temos de encontrar uma casa, arranjar uma casa para vivermos.

Carmen: E não há ninguém que vos possa ajudar a arranjar uma casa?

Natércia: Há! A “Cambra” pode!

Carmen: A Câmara pode ajudar a arranjar casas.

Naida: Sim, mas a Câmara ainda não nos respondeu. Não querem saber de nós.

Carmen: É verdade que ainda não temos resposta da Câmara nem da Junta, mas isso não quer dizer que não queiram saber de vocês. Já temos respostas de muitas pessoas, mas da Câmara e da Junta de Freguesia de Vialonga, não.

Natércia: Pois... eles nunca nos respondem.

Carmen: Mas então porque é que a divulgação do vosso projeto é boa?

Naida: O que é divulgação?

Carmen: A Mirna tem o vosso projeto e vai enviar por e-mail aos amigos dela, pela Internet.

Natércia: Então o nosso projeto vai estar em todo, todo, todo o lado? Em todas as televisões?

Carmen: Tem calma, não é em todo o lado. É só nos computadores que estiverem ligados à Internet e só conseguimos ler o vosso projeto se soubermos o endereço, o sítio onde está.

Natércia: Ah...

Carmen: Mas é uma coisa boa, porque há muitas pessoas que já têm acesso à Internet e podem ler.

Natércia: Pois, nós não temos. Na Barca não há Internet.

Naida: E eu só consigo ir à Internet quando o meu irmão me deixa.

Carmen: Imaginando que muitas pessoas possam ler o vosso projeto. Isso é uma coisa boa ou não?

Naida: Sim é.

Carmen: Está bem. É. Eu quero é que pensem porquê. Expliquem-me. O que é que acontece depois das pessoas lerem o vosso projeto?

Naida: Tentam ajudar!

Carmen: Ai sim? É isso que acontece? Tentam logo ajudar-vos? Pensem lá bem.

Natércia: As pessoas pensam em nós...

Carmen: É isso mesmo! Ficam a pensar! E só pensar na vossa situação já é bom, porque as pessoas se calhar nunca pensaram nas vossas dificuldades ou até nem conhecem nenhum cigano. Vocês são os primeiros ciganos com quem eu trabalho, por exemplo. E nunca tinha conhecido ninguém na vossa situação.

Natércia: E se as pessoas pensarem em pessoas que vivem o que a gente está a viver podem fazer alguma coisa.

Carmen: Sim, claro. Podem tomar consciência dos problemas e querer mudar um pouco a sua atitude. Então como é que nós vamos responder à Mirna? Afinal para que é que querem mostrar o vosso projeto a toda a gente? Podemos começar assim:



“Quando divulgamos o nosso projeto queremos apenas mostrar que...”

Natércia: “toda a gente quer uma casa para viver”.

Carmen: Quer ou precisa?

Natércia: Precisa e quer.

Carmen: Então como fica? “Quando divulgamos o nosso projeto queremos apenas mostrar que...”

Natércia: “toda a gente precisa e quer uma casa para viver. Nós ainda não conseguimos fazer isso sozinhos e precisamos da ajuda de todos e das cambras também.”

Carmen: “câmaras municipais também”.

Em todos os e-mails que respondemos há sempre palavras de agradecimento por terem lido o projeto e por terem ficado preocupadas com elas. Depois de escrevermos todas as respostas e enquanto enviávamos os e-mails:

Natércia: Professora, quando nós tivermos casas podemos enviar um e-mail a agradecer a todos por nos terem respondido?

Carmen: Sim, claro. Mas e se vocês ficarem mesmo na rua, o que fazemos?

Natércia: Então, enviamos na mesma, porque as pessoas se preocuparam e tentaram ajudar.

A Natércia ainda não tomou consciência de muitos problemas e entraves que a comunidade cigana enfrenta diariamente, mas quando me pergunta se podemos agradecer a todas as pessoas que lhes responderam, mesmo que não tenham feito nada para alterar a situação daquelas famílias, isso é já mudança de atitude. No início do projeto, as três pediam uma casa. Agora ela não está a pedir uma casa, está a comunicar aos outros que ela e sua família têm direito a uma casa, que há pessoas que sabem isso, que ficam tristes e até choram porque ainda há pessoas a quem este direito não chega.

Um dos contatos que as três alunas fizeram foi com dois jornalistas da SIC, com quem rea-

lizaram uma reportagem na sala com toda a turma. As crianças receberam uma reportagem emitida em 2008 sobre a demolição das suas casas e viram-na várias vezes para fazer uma lista das pessoas que falavam na reportagem. Posteriormente, explicaram às pessoas o projeto que estavam a desenvolver e pediram a sua colaboração para uma reportagem de 2011.

Carmen: Meninas, os jornalistas da SIC estão interessados no vosso projeto e querem falar com algumas pessoas que vocês conhecem, mas se não estão disponíveis para falar na televisão e pensam que não seria bom, tudo bem. Eu telefono para a produtora e digo que não queremos reportagem nenhuma. O projeto é vosso, vocês pensam e decidem e eu ajudo-vos no que precisarem. Pensem no que vos pode trazer de bom uma reportagem na SIC e o que pode trazer de menos bom.

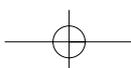
Naida: As pessoas vão dizer: Ih, olha aqueles não têm casa, vivem na rua. Vão gozar com a gente.

Natércia: Mas vai dar nas televisões todas de toda a gente isso dos jornalistas?

Carmen: Os jornalistas vão fazer uma reportagem com as pessoas que apareceram na reportagem de 2008 e quando a peça, o trabalho dos jornalistas, estiver pronto vão transmitir na televisão. Quem tiver a televisão acesa no canal da SIC vê a reportagem. E são muitas pessoas que veem a reportagem.

Natércia: E pode haver alguém que esteja a ver que nos pode ajudar.

Carmen: Sim, pode. O trabalho dos jornalistas é esse também. Eles fazem trabalhos, reportagens que mostram situações da nossa vida que são menos boas. Por exemplo, quando há cheias, inundações, acidentes, os jornalistas fazem uma reportagem e, às vezes, até se vê na mesma reportagem os bombeiros e os polícias a ajudar. Imaginem uma reportagem sobre o que vocês estão a



viver. O que é que as pessoas fariam depois de a verem?

Naida: Ajudavam-nos a arranjar casa.

Carmen: Acham que sim? É para isso que vão participar na reportagem?

Natércia: As pessoas podem não nos dar uma casa. As pessoas não podem fazer isso, só a Câmara é que pode.

Carmen: Exato. Então o que é que vai acontecer?

Naida: Ai professora, não sei. As pessoas não vão fazer nada.

Carmen: Também pensas assim, Natércia?

Natércia: As pessoas vão... as pessoas vão ficar a pensar.

Carmen: No quê?

Natércia: No que nós vivemos, na nossa situação e nas pessoas que não têm casa.

Carmen: E isso é bom?

Naida: É, porque são muitas crianças que estão nesta situação.

Carmen: Imaginem que não acontece mais nada. As pessoas ficam a pensar e acabou. Não vos ajudam e vocês continuam com o mesmo problema.

Natércia: Não faz mal, mesmo que não ajudem, depois de verem já sabem o que nós estamos a viver.

Carmen: E só isso é bom, porque muitas pessoas nem sequer pensam no que acontece e nem sabem o que vos está a acontecer. Então, o que decidem? Participam na reportagem? Como vamos responder à SIC?

Natércia: Sim, vamos.

Naida: Eu tenho vergonha, mas sim, vamos.

Carmen: E acham que podemos participar numa reportagem da televisão sem falar com a diretora?

Natércia: Não sei.

Carmen: Nós não podemos. Qualquer contacto que façamos com o exterior temos de falar com a direção.

Natércia: Ah, não sabia. Mas nós ainda não falámos.

Carmen: Descansem, eu já falei.

Natércia: E o que é que a Armandina disse? Deixou?

Carmen: Sim, deixou, claro.

Quando os jornalistas estiveram na escola contaram a sua história de vida e explicaram o projeto que estavam a desenvolver.

Outro dos contactos foi com a Provedoria da Justiça, em que o Provedor e Provedora Adjunta para os Direitos das Crianças estiveram reunidos com as crianças envolvidas neste problema para as ouvir e também com a direção do Agrupamento. Nesta reunião explicaram novamente o projeto, contaram a sua história de vida e conversaram muito sobre a importância da escola na vida das pessoas.

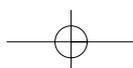
Por fim, falta mencionar que as alunas enviaram o projeto para o jornal da região e que, passado algum tempo, uma jornalista escreveu um artigo com base no produto cultural das alunas, com o qual se sentiram muito valorizadas.

Conclusões

A intervenção social deste projeto foi crescendo com cada uma das suas autoras sobre as casas e eu fui tomando consciência da dimensão e do impacto que um trabalho desta natureza pode ter na vida destas crianças, assim como na vida da escola.

Apesar de neste, como em todos os projetos, ser fundamental o apoio do professor para questionar os alunos, para os ajudar a observar o mundo que os rodeia e fazer perguntas, para procurar respostas nas fontes de informação mais adequadas, para os orientar para relembrar os compromissos assumidos na turma, o trilha deste projeto foi sendo traçado por todas nós (professora e alunas) à medida que ia crescendo.

Para este apoio ser mais eficaz foi importante ter como base o diário profissional, onde registava pequenas reflexões, os diálogos dos alunos e os apoios, de forma sistemática.



É notória a cooperação entre os alunos para construir o seu próprio conhecimento sobre um problema social tão controverso. As várias interpelações que fizeram uns aos outros ajudaram-nos a colocar hipóteses, a observar uma mesma situação de diferentes pontos de vista, a confrontar opiniões, a debater preconceitos e a procurar soluções para problemas tão difíceis de resolver.

Assim, a linguagem escrita, mesmo ainda não adquirida pelas duas alunas, ganhou um forte sentido social. Foi essa que as impulsionou a uma intensa produção, não só durante a elaboração do projeto, como posteriormente, para interagirem com todos os intervenientes. Através do produto cultural que as crianças construíram, conseguiram comunicar com muitas pessoas para além da turma. Conheceram melhor a estrutura de um Agrupamento, as funções e responsabilidades de uma diretora, as instituições e as pessoas que trabalham com ciganos. Conseguiram trabalhar com imensas pessoas externas à escola, a quem contaram o percurso do seu projeto, com quem fizeram reportagens e reuniões.

Este projeto excedeu todas as expectativas (das crianças e da professora). Torna-se, assim, evidente, que, quando deixamos a vida (com todos os seus problemas) entrar na escola, as

aprendizagens se multiplicam e se integram numa dimensão mais vasta de construção autêntica de uma cidadania responsável e interveniente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Currículo Nacional do Ensino Básico, DEB, 2001.
- Dewey, J. (1990). O Sentido do Projecto. In E. Leite, M. Malpique & M. Ribeiro dos Santos (coord.). Trabalho de projecto: Leituras comentadas (pp. 15-18). Porto: Edições Afrontamento [traduzido de *Expérience e éducation*, 1968. Paris: A. Colin, pelas autoras desta colectânea].
- Legrand, L. (1990). Pedagogia do Projecto. In E. Leite, M. Malpique & M. Ribeiro dos Santos (coord.) trabalho de projecto: leituras comentadas (pp. 36-37). Porto: Edições Afrontamento [traduzido de "Pour un collège démocratique, rapport au Ministre de l'Éducation Nationale. 1982. Por Irene Cortezão].
- Peças, A. (1999). Uma cultura para o trabalho de projeto. *Escola Moderna* 6 (5.^a), 56-61.
- Niza, S. (2005). Editorial. *Escola Moderna* 24 (5.^a), 3-4.



Tema As nossas casas na Granja	Autores Natércia, Naida e Manuela
-----------------------------------	--------------------------------------

O que pensamos sobre o assunto	Produções	Fontes de informação	Comunicação
As casas eram barracas com portas, tijolos e algumas eram em terra. Não havia casa de banho. Nós fazíamos xixi no campo. Antes de serem derrubadas nós vivíamos lá. Quando foram derrubadas estávamos a dormir. Bateram à porta para tirarmos as coisas rápido. Metade das roupas ficaram destruídas: os carros, os botões e as fatos também. As nossas mães choraram. Levaram-nos num autocarro para uma pensão.	Livro X	Livros	Conferência X
	Álbum	Internet	X
	Cartaz X	Entrevistas aos pais X	Exposição
	Folheto	Inquéritos	
	O que queremos saber	Datas	
	1º Como é que as casas foram destruídas?	Início: 28 de Setembro de 2010	
	2º Porque é que destruíam as casas?	Fim: finais de Janeiro de 2011	
	3º Porque é que não nos avisaram que iam destruir as nossas casas?	Comunicação:	
	4º Porque é que não nos deram casas novas para morar?	Sessões de trabalho:	
		1º Descrição (escrita individual) - como eram as casas - como foram destruídas - para onde fomos viver	
		2º Entrevistar os pais e desenhar	
		3º Juntar a informação	

- 5º Porque é que os nossos pais não voltaram a construir casas com tijolos e areia no outro sítio? 6º Porque é que as pessoas que arrombaram as casas não construíram novas casas para nós?

Anexo 1

Planificação e avaliação por sessão

Folha n.º

2

Projeto: Casas

Previsão da Comunicação: _____

Data	O que vamos fazer	Quem faz	Avaliação
9/11/2010	- Desenhos da pensão "Barca Tejo" - Escrever uma carta para Dra. Armandina e Dra. Ania Maria Bottencourt	- Natércia e Manuela - Naida	Eu trabalhei bem as cartas e a Manuela e a Natércia fizeram os desenhos.
18/11/2010	- Pintar os dois quartos da pensão - Escrever no computador as entrevistas	- Natércia - Manuela e Naida	Nós não conseguimos passar a informação toda para o computador.
7/12/2010	- Terminar de escrever a entrevista no computador - Preparar a entrevista para fazer na 5ª feira	Todar e a Carmen	Estivemos a escrever a carta para a nossa diretora e imprimimo-la. Fizemos uma entrevista para fazer aos nossos pais e para enviar aos outros pais.

Anexo 2